

Editorial

A riqueza da psicanálise reside, entre outras propriedades, na sua permanente abertura para as singularidades. A tensão entre os sistemas teóricos mais consolidados e o específico de cada configuração psíquica, assim como aquela entre a técnica clássica e as particularidades de cada processo analítico, longe de apontarem uma fragilidade epistemológica são testemunho de um método original de abordar o sofrimento humano no contexto dos saberes sobre o psíquico. Desde seus primórdios o campo psicanalítico comportou a diversidade de olhares sobre o exercício clínico, enriquecendo e ampliando a compreensão dos processos inconscientes e, deste modo, contribuindo na elaboração do mal-estar daqueles que nos procuram. **Variações e fundamentos** é o nome que encontramos para contemplar este movimento.

O leitor encontrará, na seção “Debate”, textos dos colegas Anette Blaya Luz, Jane Kezem e Humberto da Silva Menezes Junior, que tratam das modificações na técnica e seus fundamentos. O estímulo para esse debate nasce do diálogo possível entre o momento atual da clínica psicanalítica e as ricas e ousadas contribuições de Ferenczi que, mesmo sujeitas à crítica e revisões, abriram as portas para substanciais transformações na escuta analítica e avanços na compreensão do trauma infantil, das falhas nos processos de simbolização e do lugar do outro na constituição do psiquismo e no processo analítico. Esses trabalhos destacam-se pela franqueza com a qual os autores abordaram o desafio, assim como pelo fino tratamento teórico-clínico que deram ao assunto.

André Green acaba de organizar uma coletânea, recentemente publicada, *Les voies nouvelles de la thérapie psychanalytique* (Os novos caminhos da terapia psicanalítica), da qual participam um expressivo número de renomados analistas do cenário internacional que apresentam inovações no campo da clínica e uma discussão sobre os fundamentos que as sustentam. Por sua vez, R. Roussillon em seu artigo “La conversation psychanalytique: un divan en latence” (2004), sugere que não é mais o dispositivo padrão que decide quem pode ser analisado, mas sim as necessidades singulares do analisando que assinalam o dispositivo mais adequado para essa análise. Isso aponta para as “inovações no campo da técnica”. Tomando em consideração esta instigante proposta, formulamos uma carta-convite endereçada a todos os membros da Febrapsi, e nela sugerimos aos colegas a seguinte indagação: “O que está em jogo no trabalho analítico? O que sustenta clínica e metapsicologicamente a diversidade de dispositivos utilizados pelos analistas?”

Há algumas décadas reconhece-se um universo clínico cujo escopo se estende para além da classificação entre neurose e psicose. Os pacientes *borderline*, as configurações não neuróticas e o mutante contexto sociocultural demandam um manejo original da transferência que foge aos padrões clássicos. Para além do valor e do interesse de cada texto em particular, o conjunto dos trabalhos publicados, em resposta ao nosso convite, constitui um rico mosaico; uma amostra da criatividade clínica e do compromisso ético com o qual nossos colegas vêm abordando estes assuntos, cuja complexidade não escapa ao leitor. Os autores apresentam suas respectivas modalidades de operar clinicamente com estas difíceis e desafiadoras configurações psíquicas, assim como procuram construir recursos metapsicológicos para pensá-las. Temos certeza de que o movimento que se origina da diversidade de posturas apresentadas poderá se constituir em estímulo para o leitor visando à reflexão em torno de sua própria experiência clínica. Pensamos, assim, contribuir para o enriqueci-

mento do debate em torno desta matéria que, sem lugar a dúvida, diz respeito ao futuro da psicanálise.

Dois convidados estrangeiros fazem parte deste número. Janine Puget no seu trabalho, “Os dispositivos e o atual”, parte da análise de filósofos contemporâneos em torno das perplexidades face ao que consideram como atual. Estrategicamente discorre sobre os significantes fidelidade e poder, para apontar as transformações no seu percurso como psicanalista e sua perspectiva em torno da natureza dos dispositivos clínicos. Já na seção “Intercâmbio” publicamos a conferência “Figuras da protomelancolia”, de Jean Claude Rolland, que aborda a raiz melancólica das psicoses que visa avançar na compreensão da psicopatologia psicanalítica. O diálogo com Biswanger, a inspiração literária e sua clínica são matéria-prima para investigar o que será tratado como tentativa de abolição do campo do outro que se desdobra na cena transferencial.

Antes de encerrar este editorial, gostaríamos de expressar nosso agradecimento a Luciana Gobbato que, com dedicação e carinho, transmitiu para a nova equipe editorial sua experiência na função de secretária da *Revista Brasileira de Psicanálise* durante as duas gestões que nos antecederam e que, em função de novos projetos pessoais, solicitou seu afastamento. Damos as boas-vindas a Nubia Brito Bueno, nossa nova secretária administrativa.

Bernardo Tanis
Editor